



## COMPREENDER AS DESIGUALDADES SOCIAIS E OS TERRITÓRIOS PELAS HISTÓRIAS DE VIDA: REFLEXÕES A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DO NÚCLEO IS-UP DO MUSEU DA PESSOA

Catarina Figueiredo  
Universidade do Porto / ISCTE  
Leonor Medon  
Universidade do Porto  
João Teixeira Lopes  
Universidade do Porto

### Resumo

O Núcleo IS-UP do Museu da Pessoa foi criado com o intuito de construir um arquivo digital de dados qualitativos, embora também promova exposições e debates nos contextos de pesquisa. Sob a forma de depoimentos orais, são recolhidas e divulgadas histórias de vida de uma diversidade de atores sociais, espalhados pelo território nacional e que enfrentam desigualdades ou vulnerabilidades diversas. Com o interesse de aprofundar os processos de estruturação das desigualdades sociais e das suas inscrições individuais, este projeto democratiza o acesso à memória e confere visibilidade a grupos socialmente vulneráveis.

Partindo das experiências resultantes das três principais iniciativas desenvolvidas no âmbito do Núcleo IS-UP do Museu da Pessoa, desenvolve-se uma reflexão sobre os contributos dados por estas iniciativas que, sendo enquadradas por um referencial teórico-metodológico relativo ao uso das histórias de vida na investigação sociológica e estando inscritas em três diferentes contextos socioterritoriais da região norte de Portugal, se debruçam sobre diferentes problemáticas sociais e permitem reflexões e análises sobre diversas formas de desigualdade social. Defender-se-á que este modelo permite, em simultâneo, conhecer, participar e comunicar, unindo investigação fundamental com transferência e coprodução de conhecimento.

**Palavras-Chave:** Desigualdades Sociais, Territórios, Sociologia Oral, Histórias de Vida, Portugal.

## UNDERSTANDING SOCIAL INEQUALITIES AND TERRITORIES THROUGH LIFE HISTORIES: REFLECTIONS BASED ON THE EXPERIENCES OF THE IS-UP NUCLEUS OF THE MUSEU DA PESSOA

Catarina Figueiredo  
Universidade do Porto / ISCTE  
Leonor Medon  
Universidade do Porto  
João Teixeira Lopes  
Universidade do Porto

### Abstract

*The Nucleus of the 'Museu da Pessoa' (People's Museum) was created to build a digital archive of qualitative data, while also promoting exhibitions and debates in research contexts. Through oral testimonies, life stories are collected and disseminated from a diversity of social actors across the national territory, facing various inequalities or vulnerabilities. With the aim of deepening the processes of structuring social inequalities and their individual inscriptions, this project democratizes access to memory and gives visibility to socially vulnerable groups.*

*Based on the experiences from the three main initiatives developed within the scope of the IS-UP Nucleus of the 'Museu da Pessoa', a reflection is made on the contributions of these initiatives. Framed by a theoretical-methodological framework related to the use of life stories in sociological research and situated in three different socio-territorial contexts in the northern region of Portugal, these initiatives focus on different social issues. They allow reflections and analyses on various forms of social inequality. It is argued that this model enables simultaneous knowledge acquisition, participation, and communication, combining fundamental research with the transfer and co-production of knowledge.*

**Keywords:** Social Inequalities, Territories, Oral Sociology, Life Histories, Portugal.

## Introdução

Neste artigo reflete-se sobre as experiências do Núcleo IS-UP do Museu da Pessoa, discutindo-se a recente colaboração entre o Instituto de Sociologia da Universidade do Porto (IS-UP) e a sede do Museu, bem como as suas implicações no contexto português. O Museu da Pessoa, fundado em 1991 no Brasil, coleciona e compartilha histórias de vida de indivíduos de todo o mundo. Disponível online, aberto ao público, promove uma compreensão inclusiva das experiências coletivas e da sua complexidade, contribuindo para a democratização da memória (qualquer pessoa pode aí depositar a sua história). Com a internacionalização do modelo do Museu da Pessoa, o Instituto de Sociologia uniu-se ao projeto em 2023, estabelecendo o seu próprio Núcleo, que combina a metodologia do Museu com uma perspetiva sociológica, tendo em vista criar um repositório digital de depoimentos orais em Portugal para entender melhor, a partir da escala biográfica, as desigualdades sociais e seus territórios. Atualmente, é o único núcleo fora do Brasil.

Ao mesmo tempo, constitui-se como oportunidade de investigação e análise, quer utilizando as histórias de vida e os testemunhos como fonte secundária, quer construindo roteiros próprios que recolhem em primeira mão, dentro de uma certa orientação teórico-conceitual, testemunhos resultantes de entrevistas e/ou de histórias de vida. Nesta segunda modalidade, além dos testemunhos e das histórias transcritas e filmadas para o site, geram-se programas de pesquisa sobre dimensões territorializadas de desigualdades sociais que ora redundam em exposições (físicas e virtuais), em peças de teatro ou em publicações científicas que integram as “dobras do social” (individual e coletivo-estrutural) nos processos de formação/reprodução e recomposição das desigualdades, amiúde trabalhando o material das histórias de vida como “retratos sociológicos” (Lahire, 2002).

Os principais objetivos deste Núcleo são, em síntese: criar uma base de dados qualitativos disponível para futuras investigações e intervenções sociais; fomentar dinâmicas ativas de envolvimento com

as comunidades; divulgar informação e conhecimento à sociedade civil; promover a reflexão e o conhecimento sobre vulnerabilidades sociais, valorizando-se as vozes e histórias das pessoas e comunidades em situação de exclusão social e vulnerabilidade; e preservar memórias, tradições e modos de vida promovendo uma reflexão transformadora sobre o futuro; construir, integrar e relacionar conhecimento sobre as desigualdades sociais territorializadas produzido através da análise das histórias de vida.

Enquanto projeto de extensão universitária, estabelece-se um compromisso entre a investigação académica e o serviço às populações, usando a Sociologia oral como recurso qualitativo de investigação sobre os quotidianos e suas incrustações estruturais, ao mesmo tempo que se envolvem as pessoas na reapropriação das suas vivências através das memórias reconstruídas pelas histórias de vida.

No presente texto quedar-nos-emos por uma breve apresentação do percurso já delineado do núcleo do IS-UP através de três exposições, representando, cada uma delas, uma abordagem a questões sociais concretas.

### 1. A sociologia e as histórias de vida: algumas reflexões teórico-metodológicas

A sociologia, como ciência que examina a realidade social por meio das coletividades humanas e das relações entre indivíduos, parte do princípio de que as características de um grupo não são meramente a soma das características dos indivíduos que o compõem (Silva & Pinto, 2014). Esta abordagem foca no estudo do ser humano como membro de uma coletividade, mas reconhece a importância dos percursos pessoais na construção das sociedades.

O debate sobre a relação entre indivíduo e sociedade é complexo e antigo no campo da sociologia, mas esta tem conseguido, através do seu “vasto leque de teorias e conceitos, com elevado grau de elaboração, ferramentas cognitivas de grande utilidade para a caracterização e análise das relações sociais, da constituição das sociedades e

dos processos que nestas se vão desenrolando” (Costa, 2001, p. 8), combinando perspetivas centradas tanto nas estruturas como na ação social (Silva & Pinto, 2014). Ganha força, por isso, a ideia, que Elias sugere, de uma “sociedade dos indivíduos”, resultado das relações de interdependência que entre eles se estabelecem e que não podem ser reduzidas à mera soma dos esforços individuais (Elias, 1993). Afinal, como lembra o autor numa das suas frequentes metáforas, não se compreende a casa se isolarmos cada uma das suas partes, tampouco se percebe a dança sem a interação entre quem baila e o seu contexto.

Esse enfoque torna-se ainda mais relevante diante dos desafios contemporâneos enfrentados pela sociologia. A diversidade dos objetos de estudo e a complexidade das mudanças sociais exigem novas ferramentas para uma análise precisa dos fenómenos sociais. Nesse contexto, as histórias de vida emergiram como um procedimento respeitador dos percursos e discursos dos sujeitos sociais, com especificidades e vantagens concretas, utilizadas pela sociologia, antropologia e história para estabelecer um diálogo mais profundo com a sociedade e seus agentes. Elas permitem um acesso holístico às trajetórias de vida, oferecendo uma visão relacional dos percursos individuais. Aplicadas ao estudo das desigualdades, sem procurar generalizações a partir de casos únicos, fornecem importantes “pistas para compreendermos a interseção entre as biografias e a sociedade portuguesa” (Lopes, 2023a, p. 292).

Bertaux (2021) descreve as narrativas de vida como uma “técnica de observação” originária da etnografia, que até os anos 70 do século passado não era amplamente utilizada na sociologia, exceto pela Escola de Chicago nos anos 20, tendo sido “completamente excluída pelo establishment sociológico internacional, após 1945, do pequeno número de técnicas de observação consideradas legítimas em sociologia” (Bertaux, 2021, p. 13). Por disso, o autor procura reabilitar a sua utilização, mostrando de que forma o uso de narrativas de vida pode ser uma das principais formas de recolha de dados empíricos.

Mesmo não constituindo um estudo estatisticamente representativo, no modo tradicional, e sem

pretender estabelecer generalizações abstratas ou mesmo leis gerais, permite, ainda assim, encontrar tendências e forças com validade sociológica e densidade analítica. Aliás, o autor acrescenta que o uso destas narrativas é pertinente por também elucidar a existência de contratendências, através da descoberta de casos que funcionam de maneira diferente, isto é, os “casos negativos” (Bertaux, 2021), o que elucida sobre as forças em disputa numa dada sociedade.

Bertaux argumenta que, em certas condições, a análise qualitativa pode gerar generalizações plausíveis sem uma amostra estatisticamente representativa. Assim, deverá ser feita uma análise cuidadosa das histórias recolhidas, identificando padrões, temas e contradições que podem fornecer insights significativos sobre a experiência humana. Franco Ferrarotti, pioneiro no uso das histórias de vida na investigação sociológica e da “sociologia como participação” (Ferrarotti, 1991, p. 171), demonstra a importância de entender as narrativas individuais como reflexos da interação entre estruturas sociais e experiências pessoais enfatizando que as histórias de vida não revelam apenas informações sobre as vidas individuais, mas permitem, no mesmo movimento analítico, compreender as condições sociais e culturais que as moldam.

Além disso, as histórias de vida e o método biográfico em geral ressaltam as interações entre trajetórias individuais e as grandes linhas de força coletiva (constrangimentos, oportunidades e condições). Elas cruzam diversidade com o contexto, a reflexividade e a performatividade das práticas, oferecendo um exercício metódico que possibilita um conhecimento intersubjetivo sobre si mesmo (Lechner, 2015), e um trabalho narrativo de construção de sentido.

Partindo destes pressupostos, o Núcleo IS-UP construiu a sua própria metodologia, alinhada com os objetivos e orientações do Museu da Pessoa no Brasil. O Núcleo tem várias modalidades de exposições e de recolha de informação, distinguindo-se o formato individual de histórias de vida e o modelo de grupo de roda de histórias. No formato individual, um roteiro comum guia a recolha das histórias de vida em configuração de entrevista,

abordando questões gerais desde a infância e a família de origem, passando-se pela juventude e vida adulta, educação, trabalho, migrações e relações com o futuro, a par de questões específicas que exploram vulnerabilidades ou desigualdades sociais concretas.

Seguem-se, pois, os conselhos de Lahire (1998): varrer todas as dimensões da socialização nos vários ciclos de vida, sem pressupor uma coerência ou homogeneidade a priori, encontrando pluralidade e contradição; resgatar os principais agentes e princípios de socialização, na sua concorrência e/ou complementaridade; analisar os modos de agência dos entrevistados, em particular em momentos de crise, de hesitação, de bifurcação. No caso vertente, inspiramo-nos amiúde se na sua proposta dos “retratos sociológicos” como dispositivo que resgata quer a pluralidade disposicional dos agentes, quer a variedade dos contextos ou mundos da vida com que se entrelaçam essas disposições, sem, nunca descurar o percurso que permite dar conta dos fios que tecem o “coeficiente de singularidade” de cada agente social (Lahire 1998, 2002 e 2012; Lopes, 2014).

Para cada exposição, o Núcleo seleciona um grupo de oito a dez participantes que partilham as suas histórias de vida. No modelo de grupo ou rodas de história, as entrevistas são realizadas com seis a oito pessoas, focando em temas específicos ou períodos determinados. Nesta modalidade, potenciam-se os efeitos da interação e da contaminação narrativa: as histórias cruzam-se, discutem-se, partilham-se, gerando um micro espaço público de exposição, argumentação e performance numa aproximação à dinâmica que Galvanese e Lechner apelidam de interlocutores-sujeitos-participantes (Galvanese & Lechner, 2015: 266) envolvidos num “espaço narrativo” onde é possível “falar, mostrar, conviver, aprender e escutar” (Idem, *ibidem*: 278).

As entrevistas em ambos os modelos são gravadas em vídeo ou áudio, com garantia de confidencialidade. Após a gravação, são editadas para versões mais curtas em formatos textual e audiovisual para facilitar a divulgação. As versões completas e as transcrições integrais são disponibilizadas na plataforma do Museu da Pessoa, permitindo que

o material seja passível de ser visto, revisto e contestado, formando um património coletivo.

Em todos os casos damos mais importância ao processo do que ao produto. Ou, por outras palavras, o produto final (as exposições e os depoimentos catalogados no site do Museu da Pessoa) são parte integrante de um caminho e de uma rede de cumplicidades. Importa refletir, por fim, que optámos sempre por realizar as exposições em formato virtual e físico, ganhando com a cumulatividade dos suportes. Dessa forma, abrem-se ao mundo (no ciberespaço), mas sempre com um pé no território (com as exposições físicas e os momentos de debate que se promovem em cada local).

## **2. Experiências do Núcleo IS-UP do Museu da Pessoa**

O Núcleo IS-UP foi criado para construir um arquivo digital de histórias de vida, oferecendo dados qualitativos para análise sociológica e futuras pesquisas. No primeiro ano, foram recolhidas um total de 23 histórias que contemplam uma diversidade e uma multidimensionalidade importantes para a construção de uma reflexividade sobre as desigualdades sociais.

Este acervo proporciona já pistas valiosas sobre dimensões como classe social, género, família, educação, trabalho, habitação, migrações, política, consumo e lazer, além de diferentes fases da vida, como infância e velhice. As possibilidades de investigação que se relacionam com esta recolha encontram-se intimamente relacionadas com as especificidades dos três contextos territoriais incluídos nas iniciativas desenvolvidas. Em cada um dos contextos, desigualdades particulares foram abordadas e, assim, pesquisas ulteriores podem desenrolar-se em torno dessas mesmas particularidades.

### **2.1. Histórias de ex-trabalhadores de uma exploração mineira**

A primeira iniciativa dinamizada debruçou-se sobre as memórias da exploração mineira do Volfrâmio

nas Minas do Pejão, em atividade durante o século XX e encerrada no final de 1994, situada no município de Castelo de Paiva, Aveiro. Realizada em parceria com um projeto de investigação promovido pelo Instituto de Sociologia e outras unidades de investigação da Universidade do Porto e à qual se agregou o Teatro Universitário do Porto (TUP), que dramatizou in loco as histórias recolhidas. O seu principal objetivo consistia em estudar os impactos ambientais e sociais da exploração mineira em dois territórios do Norte de Portugal – Pejão em Castelo de Paiva e Regoufe em Arouca<sup>2</sup>.

A análise feita, no âmbito deste projeto, em torno das dimensões das construções identitárias e da memória coletiva relativa à exploração mineira, permitiu compreender alguns dos traços caracterizadores dos dois contextos socioterritoriais em estudo, assim como das diferenças importantes entre eles. No caso das populações do Pejão verificou-se que “as minas têm um persistente valor simbólico na construção das identidades pessoais e na identidade local coletiva, estando bem presentes nos quotidianos (estórias, conversas, lembranças, objetos) das comunidades que vivem nas localidades perto das explorações mineiras, onde ainda moram ex-mineiros e familiares” (Lopes, 2023b, p. 74). Neste sentido, tornou-se relevante fazer-se uma recolha e divulgação das histórias destes ex-mineiros que apresentam, ainda nos dias de hoje, uma forte ligação com as minas e cujas vidas individuais se cruzam com a história desta exploração mineira e do contexto socioterritorial em que ela se insere.

Nesta iniciativa, analisaram-se as desigualdades socioeconómicas e, concretamente, laborais (associadas à dura labuta da exploração mineira) que se cruzam com os processos de exclusão de ordem social, económica e territorial que confrontam hoje o estatuto periférico de Castelo de Paiva. Foi organizada uma roda de histórias que contou com a presença de seis pessoas, todas ex-trabalhadoras da Minas do Pejão e residentes das freguesias a elas circundantes, e realizada nas

instalações do Cavalete e Poço do Fojo<sup>3</sup>. Nesta roda foram partilhadas diversas histórias e memórias sobre as vivências, relações e condições de trabalho durante o período passado por estas seis pessoas na exploração mineira, explorando o cariz dialógico e relacional da construção partilhada das memórias.

A exposição resultante, intitulada “A exploração do carvão em Portugal – histórias de ex-mineiros do Pejão”, foi exibida exclusivamente em formato virtual, incluindo excertos audiovisuais selecionados das histórias compartilhadas. O lançamento da exposição ocorreu localmente junto com a peça “Da Raiva ao Paraíso”, do TUP, que também explorou as experiências dos ex-trabalhadores e foi realizada em colaboração com o projeto de investigação.

## 2.2. Histórias de mulheres num território rural e do interior do país

A segunda iniciativa realizada debruçou-se sobre o território de Vila Flor, distrito de Bragança, tendo sido intitulada de “Vila Flor no Feminino – Histórias de Mulheres Portuguesas no Interior”<sup>4</sup> e focando na importância das desigualdades e socializações de género na relação das mulheres com um território rural socialmente deprimido. Com esta iniciativa pretendeu-se analisar as questões de género das trajetórias femininas em meio rural (na educação, na conjugalidade, no trabalho, na maternidade), bem como as dificuldades de uma vida passada no interior do país, condição de variadas relegações – territorial, de género e de classe.

Todo o processo de recolha das histórias de vida e posterior construção da exposição foi possível devido à estreita colaboração estabelecida com uma associação local, a Associação Transmontana para o Desenvolvimento (ATPD). Esta parceria

2 SHS – Soil health surrounding former mining areas: characterization, risk analysis, and intervention

3 Ver mais em: <https://museudapessoa.org/historia-de-vida/a-explora-o-do-carv-o-em-portugal-hist-rias-de-ex-mineiros-do-pej-o/>

4 Ver mais em: <https://museudapessoa.org/colecao/vila-flor-no-feminino-hist-rias-de-mulheres-portuguesas-do-interior/>

permitiu um acesso privilegiado às mulheres entrevistadas e uma proximidade no desenvolvimento de outras atividades paralelas que enriqueceram a exposição, destacando-se o caráter de extensão que este Núcleo possui.

O processo iniciou-se com a construção do guião para as entrevistas, com questões específicas relacionadas com a dimensão do género e sua inscrição no território, e que foram realizadas a nove mulheres, todas naturais de Vila Flor. O conteúdo audiovisual resultante destas entrevistas foi editado para a construção da exposição e contou-se com a ajuda da ATPD para o desenvolvimento de atividades complementares como linhas da vida, mapas mentais e recolha de objetos e fotografias pessoais das participantes, que vieram a complementar as suas histórias e adicionar elementos para a exposição física. Esta foi realizada no concelho de Vila Flor, na biblioteca municipal, e contou com a presença da comunidade local, incluindo as mulheres entrevistadas e as suas famílias.

Após a exposição, foi iniciado um processo de reflexão sobre a compreensão dos territórios rurais atuais e das trajetórias que neles se constroem, fundamentalmente, a partir de uma dimensão de género. Foram, assim, identificados alguns traços comuns que caracterizam estas mulheres: valorizam o seu território de nascimento, sentindo uma forte identificação e pertença; enfrentam tendências e contratendências relacionadas às questões de género, entre modernidade e tradição; a família desempenha um papel central nas suas vidas; relatam um passado difícil marcado pela pobreza, escassez e trabalho árduo desde tenra idade, mas também expressam saudosismo em relação ao espaço público, às crianças e à sociabilidade no espaço rural (Madeira & Medon, 2023).

### **2.3. Histórias de pessoas em risco de situação de sem abrigo em contexto urbano**

Com o principal objetivo de refletir sobre a problemática da habitação na cidade do Porto e a sua relação com os atuais processos de exclusão social e económica, a terceira iniciativa do Núcleo

incidiu sobre as histórias de vida de pessoas que se encontram em risco de situação de sem abrigo, contribuindo para a compreensão das representações sobre a sua carreira de sem-abrigo, para utilizar um conceito caro a Howard Becker (1963) e a Anselm Strauss (1971).

Nos últimos anos, o Porto tem enfrentado transformações sociais, económicas e urbanísticas significativas, principalmente devido à gentrificação e turistificação, que resultaram em investimentos imobiliários em áreas degradadas e no aumento dos preços da habitação, afetando grande parte da população (Barbosa & Lopes, 2021). Esses processos intensificaram os desafios relacionados com a pobreza e a exclusão social já existentes na cidade.

Diante disso, surgiu a necessidade de desenvolver uma reflexão sobre a situação de sem abrigo no Porto, uma questão central no contexto da exclusão social urbana. A iniciativa foi desenvolvida em colaboração com os Albergues do Porto, uma instituição que acolhe pessoas em risco de exclusão social e, particularmente, as que se encontram em situação de sem abrigo. As histórias recolhidas referem-se a indivíduos atualmente residentes nos centros de alojamento temporário da instituição.

Foram realizadas oito entrevistas individuais nas instalações dos Albergues do Porto, resultando na exposição intitulada “Histórias (In)visíveis”<sup>5</sup> com o objetivo de promover a reflexão e a visibilidade pública da problemática em causa. A exposição virtual apresentou as oito histórias de vida em formatos textual e audiovisual, enquanto a exposição física foi inaugurada na Galeria Alberg’arte (pertencente aos Albergues do Porto) e contou com a presença de um público alargado, entre os quais se incluíram aqueles que partilharam as suas histórias de vida, as duas entidades parceiras e ainda um conjunto de representantes do poder local.

Foi possível perceber, no cruzamento das histórias, que a carreira de sem-abrigo não é tão linear quanto as propostas do interacionismo simbólico

5 Ver mais em: <https://museudapessoa.org/colecao/historias-in-vis-veis/>

possam pressupor, existindo avanços e recuos, embora o processo que conduz à situação de sem-abrigo (amiúde uma categoria que obnubila as múltiplas dimensões dos percursos) possua um cariz cumulativo (somam-se e cruzam-se contextos, estrangimentos e possibilidades) onde reverberam as ações e omissões das políticas públicas<sup>6</sup>.

### **3. Da sociologia para a sociedade: contributos para um maior diálogo**

Para além da construção de um repositório de dados qualitativos, útil para fins científicos, o Núcleo tem também o propósito de estreitar a relação entre academia e a sociedade, apresentando-se como um meio de diálogo entre ambos onde trocas reflexivas e analíticas se estabelecem reciprocamente. A sociologia não se limita a um estudo abstrato; ela é uma prática que deve ter efeitos sociais tangíveis e que implica, por isso, um compromisso com a sociedade. A sociologia tem a capacidade de desenvolver uma reflexividade constante sobre a vida social, procurando um conhecimento aprofundado e crítico sobre ela, assim como de se relacionar com o desenvolvimento de uma consciência social (Giddens, 2013). Tal como Michael Burawoy defende, esta disciplina terá muito a ganhar se favorecer a transformação do conhecimento que produz em práticas emancipatórias, o que só se consegue “encorajando a discussão pública” (Burawoy, 2021, p. 208) sobre os seus resultados.

As histórias de vida, por se construírem em torno de narrativas individuais, nas quais existe espaço para uma reflexividade intensa (Caetano, 2016), considerando a diversidade e multidimensionalidade dos fenómenos sociais que se combinam naquela que é uma trajetória pessoal, permitem

à sociologia perscrutar os vários fios do social. O uso desta ferramenta enquanto técnica de recolha de dados para a reflexão sobre as desigualdades sociais, tal como o Núcleo se propõe fazer, permite desenvolver aquilo que Mills (1969) designou de “imaginação sociológica” e que remete para a consciência de compreender a história, a biografia e as relações entre elas, no interior de uma dada sociedade, constituindo-se como a qualidade intelectual mais importante e que deve ser considerada prioritária pelos cientistas sociais na prática de tornarem problemas aparentemente individuais em questões públicas.

Este diálogo entre academia e sociedade, no âmbito do Núcleo, faz-se assim através da promoção de uma maior consciência sobre as desigualdades sociais, mas também através de práticas concretas que colocam o Instituto de Sociologia num contacto mais aprofundado com as populações envolvidas. Enquanto projeto de extensão universitária, o Núcleo envolve a ligação do conhecimento científico, do ensino e da investigação sociológica com as comunidades, fora das ‘fronteiras’ da universidade (European University Association, 2021), permitindo a introdução e desenvolvimento de transformações sociais.

Neste sentido, um dos objetivos do Núcleo diz respeito à construção de dinâmicas ativas de envolvimento com as comunidades e tem-se procurado atingir este objetivo a partir de três vias principais. A primeira tem a ver com a procura, a par da recolha das histórias de vida, de outras atividades participativas com as comunidades envolvidas, da qual é exemplo a construção colaborativa de elementos constitutivos das exposições físicas ou da peça de teatro. A segunda diz respeito ao estabelecimento de parcerias com entidades que atuam localmente, sendo esta uma questão fundamental, pois é a partir destas que se consegue uma maior aproximação com os territórios e as redes sociais efetivamente implantadas, alcançando outros recursos que alargam a capacidade de execução destas iniciativas. E a terceira remete para a própria realização de exposições físicas, tendo-se a preocupação de que estas se realizem em espaços próximos e significativos para as pessoas envolvidas.

6 Importa salientar o papel das notícias da imprensa sobre a exposição que contribuem para os objetivos desta atividade de extensão e deste dispositivo de produção de conhecimento – como é exemplo o artigo publicado no jornal Público a propósito da exposição: <https://www.publico.pt/2023/10/25/local/noticia/vida-jose-rui-isabel-gustavo-deu-volta-hoje-exposicao-2067915>

Um outro objetivo do Núcleo, que se relaciona também com a importância dada à relação academia-sociedade, remete para a divulgação de informação e conhecimento, numa relação aberta e transparente com a sociedade civil mais alargada. Esta divulgação tem sido feita fundamentalmente a partir de duas vias: por um lado, através de uma disseminação das iniciativas desenvolvidas na sociedade, usando tanto os tradicionais como os novos meios de comunicação social e usufruindo das complicitades e recursos da rede de parceiros, por outro lado, através do lançamento de publicações, dentro ou fora da comunidade científica, e que surjam das reflexões e análises emergentes da recolha de dados feita através das suas iniciativas.

## Conclusão

No primeiro ano de atividade do Núcleo IS-UP do Museu da Pessoa, foram acumuladas experiências valiosas que destacam a relevância das histórias de vida na prática sociológica e na relação com a sociedade. Essas histórias oferecem dados qualitativos profundos e multidimensionais sobre desigualdades e vulnerabilidades sociais, permitindo uma análise que abrange escalas individuais, institucionais e estruturais. Além disso, facilitam uma reflexão alargada e partilhada sobre essas desigualdades e seus impactos nas políticas públicas.

O Núcleo, enquanto atividade de extensão, tem sido crucial para fortalecer a conexão entre o Instituto de Sociologia e a sociedade civil, instituições e comunidades, especialmente na Área Metropolitana do Porto e no Norte de Portugal. O trabalho com diversos territórios e desigualdades sociais demonstra o potencial transformador do Museu da Pessoa para promover diversidade, inclusão e uma maior compreensão da sociedade portuguesa. O Núcleo amplifica a voz de grupos frequentemente invisibilizados, valorizando suas experiências através da sua participação enquanto cocriadores de um processo de auto e hétero conhecimento.

Sendo a atualidade portuguesa marcada por fortes desigualdades sociais, económicas, territoriais e culturais, surgem constantemente novos desafios à imaginação sociológica. O uso que o

Núcleo IS-UP do Museu da Pessoa faz das histórias de vida emerge, assim, como uma possibilidade de entrar nos processos de construção e disputa das memórias, sem paternalismos providenciais ou veleidades de porta-voz, mas com a consciência aguda de que, na assimetria de poder que caracteriza estruturalmente a nossa sociedade, há grupos e classes que conseguem impor, universalizar e naturalizar a sua versão dos acontecimentos (Godinho, 2024). Urge, pois, entrar no debate, amplificando a possibilidade vozes outras e diferentes histórias serem escutadas.

## Referências Bibliográficas

- Barbosa, I. & Lopes, J. T. (2021). Descodificar as paredes da cidade: da crítica à gentrificação ao direito à habitação no Porto. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, XXXVIII, 6-9.
- Becker, H. (1963). *Outsiders: Studies in the sociology of deviance*. Free Press Glencoe
- Bertaux, D. (2021). A utilização das narrativas de vida numa perspectiva socio-etnográfica. *Sociologia On Line*, 27, 11-30.
- Burawoy, M. (2021). *Public Sociology*. Cambridge: Polity Press.
- Caetano, A. (2016). *Pensar na Vida. Biografias e reflexividade individual*. Lisboa: Mundos Sociais.
- Costa, A. F. (2001). *Sociologia*. 3ª ed. Coimbra: Quimera.
- Elias, N. (1993). *A sociedade dos indivíduos*. Lisboa: D. Quixote.
- European University Association. (2021). *Universities without walls: A vision for 2030*.
- Ferrarotti, F. (1991). Sobre a autonomia do método biográfico. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 9, 171-177.
- Galvanese, M. & Lechner, E. (2015). Pesquisa partilhada e a construção de conhecimentos: oficinas biográficas com imigrantes em Coimbra. In Lechner, E., Rostos, Vozes e Silêncios. Uma pesquisa colaborativa com imigrantes em Portugal (coord.). Coimbra: Almedina, 265-300.
- Giddens, A. (2013). *Sociologia*. 9ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Godinho, Paula (2024). "Mais abafadas do que esquecidas: sombras perenes e memória coletiva da Reforma Agrária. In Loff, M. & Cardina, M., 25 de Abril. *Revolução e mudança em 50 anos de Memória*. Lisboa: Tinta da China, 153 - 181.
- Lahire, B. (1998). *L'Homme Pluriel. Les Ressorts de l'Action*. Paris : Nathan.
- Lahire, B. (2002). *Portraits Sociologiques. Dispositions et Variations Individuelles*. Paris : Nathan.
- Lahire, B. (2012). *Monde Pluriel. Penser l'Unité des Sciences Sociales*. Paris : Seuil.
- Lechner, E. (2015). Rostos, Vozes e Silêncios. Uma pesquisa colaborativa com imigrantes em Portugal (coord.). Coimbra: Almedina.

- Lopes, J. T. (2023a). *Elas – percursos «inesperados» de jovens mulheres das classes populares*. Porto: Tinta da China.
- Lopes, J. T. (2014). Retratos sociológicos: dispositivo metodológico para uma sociologia da pluralidade disposicional. In: Torres, L. & Palhares, J. A. *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais da Educação*. V. N. de Famalicão: Húmus, 99-112.
- Lopes, J. T. (2023b). Um futuro para as memórias que são presente. In J. T. Lopes e S. Pinheiro (Orgs.), *Memórias com futuro: o olhar da sociologia sobre as atividades mineiras do Pejão e Regoufe* (1ª ed., pp. 73-75). Instituto de Sociologia da Universidade do Porto.
- Madeira, R. & Medon, L. (2023). Vila Flor no feminino – Histórias de mulheres portuguesas do interior. *Revista Memória Rural*, Nº 6, Câmara Municipal de Carraceda de Ansiães, <https://museudamemoriarural.pt/revista-memoria-rural-6-2023/>
- Mills, C. W. (1969). *Imaginação Sociológica*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Pinto, J. M. (2004). Formação, tendências recentes e perspectivas de desenvolvimento da sociologia em Portugal. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 46, 11-31.
- Silva, A. S. & Pinto, J. M. (2014). Uma visão global sobre as ciências sociais. In Silva, A. S. e Pinto, J. M. (Orgs.), *Metodologia das ciências sociais* (16ª ed., pp. 9-27). Porto: Edições Afrontamento.
- Strauss, A. L. (1971). *Professions, Work and Careers*. San Francisco: Sociology Press.

**Catarina Figueiredo** Licenciada e Mestre em Sociologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Foi bolseira de investigação no Instituto de Sociologia da Universidade do Porto. Atualmente é doutoranda em sociologia no ISCTE e colaborou no Núcleo IS-UP do Museu da Pessoa. Email: [figueiredo.catarina.1999@gmail.com](mailto:figueiredo.catarina.1999@gmail.com).

Ciência ID:  
<https://www.cienciavita.pt/portal/901A-350B-545D>

**Leonor Medon** Licenciada em Sociologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, frequenta atualmente o Mestrado em Sociologia na mesma instituição. É Bolseira de Investigação no IS-UP, onde integra projetos nas temáticas da cultura, desigualdades, memória, juventude e intervenção comunitária. Participa desde 2022 no Projeto Museu da Pessoa.

Email: [lmedon@gmail.com](mailto:lmedon@gmail.com).  
Ciência ID:  
<https://www.cienciavita.pt/portal/9F16-ADFA-B20D>

**João Teixeira Lopes** Professor Catedrático do Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Coordenador do Instituto de Sociologia da mesma Universidade. Tem publicado nos domínios das desigualdades sociais, educação, cultura e estudos das crianças.

Email: [jmteixeiralopes@gmail.com](mailto:jmteixeiralopes@gmail.com).  
Ciência ID:  
<https://www.cienciavita.pt/portal/0116-680D-C431>

Artigo recebido no âmbito da chamada aberta que decorreu até 15 de março de 2024. Aprovado para publicação a 2 de setembro de 2024.